

# O Levante de Hong Kong: Passado como prólogo, renovado

Daniel C. Tsang

*Pesquisador Fullbright, a documentação de materiais de protesto. Nascido em Hong Kong, é um escritor freelance, ativista, bibliotecário emérito e apresentador de rádio tornado podcaster. E-mail de contato: dtsang@kuci.org.*

Tradução de Caio Dayrell Santos

*Caio Dayrell Santos é jornalista e comunicólogo graduado pela UFMG, mestrando em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Email de contato: caiosantoscomuica@gmail.com*

A sabedoria convencional vê Hong Kong como um troféu dos Tratados Desiguais impostos à China da dinastia Ching, um dano retificado em 1997, quando a colonizadora Grã-Bretanha a retornou ao país de origem.

Os atuais protestos em Hong Kong são sim o último desenvolvimento de uma manifestação alternativa anti-Império dos fluxos e trocas globais, como foi articulado no livro *Multidão*, de Michael Hardt e Antonio Negri.

A ironia está que, na visão dos protestantes de Hong Kong, o Império contra o qual se revoltam não é o já murcho Império Britânico, tampouco o neoliberalismo do Ocidente. Ao contrário, trata-se do império autoritário promovido pelo Sonho Chinês do atual regime cínico.

Longe de rejeitar o capitalismo global, os manifestantes estão tentando restaurar e reclamar o que se deteriorou de forma contínua na Região Administrativa Especial de Hong Kong nas décadas decorridas após 1997.

Os protestantes veem a China de Xi Jinping como seu novo colonizador, tomando o lugar dos ingleses. “Hong Kong não é China” como é usualmente gritado em coro e grifado nos “Muros de Lennon”, que se proliferaram em praticamente todo distrito.

Esse movimento sem líderes, impulsionado pelas mídias sociais, recuperou um slogan de campanha de 2016 feito por Edward Leung, um brilhante estudante de filosofia e política da Universidade de Hong Kong, agora servindo seis anos por “amotinação” durante a revolução de Mong Kok, quando foi detido pela polícia antiprotesto ajudando comerciantes de rua a vender iguarias populares no Ano Novo Lunar de 2016.

Em cantonês, língua falada e escrita em Hong Kong, seu slogan proclamava “Restore (ou Reclame) Hong Kong, Revolução dos Tempos!”. Leung contou ao jornal matinal do Sul da China que rejeitou a “Revolução da Nossa Geração” como segunda parte do slogan, acreditando que era muito restritivo. Então, se tornou “Revolução de Nossos Tempos”. Mas, como não elaborou a primeira parte do slogan, somos livres para especular o que pretendia com isso.



Nascido na China, o então defensor da independência chegou a Hong Kong com apenas três anos de idade, eventualmente se tornando honconguês, de acordo com o que ele me disse em uma entrevista no meu Subversity Show.

Como independentista no grupo *Hong Kong Indigenous*, à época liderado por ele, Leung lutava contra imigrantes chineses do continente, acreditando que eram culturalmente e politicamente diferentes dos honcongueses. Ao fazê-lo, ele e seu grupo foram acusados por críticos de serem anti-imigrantes e nativistas, o que ele nega.

Seu slogan de campanha foi recuperado nos atuais protestos, o que levanta questões sobre o que os manifestantes querem que seja restaurado. Embora os colonizadores britânicos nunca acharam que Hong Kong era digno de uma democracia, isso serviu como base do que Leung e outros consideram “valores chave”, um compromisso comumente entendido com liberdade, direitos humanos, democracia, Estado de direito e governança limpa. Cínicos podem inferir que liberdade na verdade significa livre empreendimento e capitalismo irrestrito de mercado. Em Hong Kong, qualquer governo no controle acreditou em uma economia de mercado desprendida de entraves governamentais.

A esquerda global continua acreditando que a China atual deve ser reverenciada como um país que “se levantou” para derrubar o domínio colonialista. No entanto, a China contemporânea dificilmente pode carregar o título de “libertadora”. Na verdade, a China de Xi Jinping reprime marxistas na Universidade de Peking, prende Uyghers em Xinjang e pratica capitalismo de estado. Dificilmente pode ser considerada um poder anti-imperialista.

Ao contrário, a China de hoje é vista pela maioria dos honcongueses como uma nova força colonial. Ocidentais que ainda vêem a China como libertadora não reconhecem o quão repressiva se tornou.

Na verdade, o slogan de Edward Leng foi adaptado ao inglês para “Liberte Hong Kong”, ao invés do “restaure ou reclame” da versão em cantonês. O que enfatiza que protestantes querem se libertar das correntes do governo autoritário da China.

A reapropriação despertou a ira das autoridades locais de Hong Kong, que demandam explicações aos candidatos nas eleições distritais sobre o que o slogan significa para eles, como alguns deles o endossaram nas redes sociais. Um dos candidatos, Tommy Cheung, ex-líder estudantil e preso no começo desse ano por seu papel no Movimento Guarda-Chuva de 2014, respondeu o seguinte: “O que eu queria dizer era restaurar uma velha Hong Kong em que cidadãos desfrutem diferentes formas de liberdade... A palavra “revolução” não deve ser interpretada como atos sangrentos que buscam derrubar um regime, mas se refere a uma mudança negativa na estrutura e no pensamento, como as revoluções industrial e tecnológica”, segundo notas traduzidas do chinês no jornal matinal do Sul da China.

Um movimento social empoderado pelas mídias sociais, os protestos estão repletos de imagens criativas. Uma das mais fortes foi a releitura do quadro de Eugene Delacroix, *Liberdade guiando o povo*, que originalmente comemorava três anos da Revolução de Julho de 1830. Na versão de 2019, a mulher de busto nu simbolizando a Liberdade é substituída.

Na nova pintura, atribuída ao artista com conta no Instagram @harcourtromanticist, uma versão popular distribuída internacionalmente exhibe manifestantes de Hong Kong usando preto assim como máscaras e capacetes em volta de uma mulher similarmente vestida com o mesmo capacete amarelo, portando uma bandeira negra com “Liberte Hong Kong” estampada em inglês. Em uma versão para leitores da língua francesa, ela é legendada com “La Liberté guidant le peuple”. Em outra versão circulada localmente (Imagem 1), as palavras de ordem são substituídas pela Bauhinia, flor oficial de Hong Kong, em uma bandeira preta, tornando-se assim uma versão negra da bandeira local. A mulher segurando a bandeira, reminiscência da figura de Liberdade na pintura francesa, é trocada por um protestante masculino em bermudas pretas. Não há legenda.



Imagem 1: Pintura disponibilizada por *Harcourt Romanticist* no Instagram.

Essa última obra se tornou um poster colorido inserido na edição de 1º de Outubro da *Apple Daily*, revista em língua chinesa e pró-democracia, uma provocação para o dia em que a China celebra 70 anos do controle comunista em 2019.

A mesma imagem recebeu uma página dupla na edição especial comemorativa em língua inglesa da *Apple Daily*, publicada alguns dias depois.

Se o passado serve como prólogo, então não é nenhuma surpresa que o governo de Hong Kong também revisitou sua história para tentar saber o que poderia capturar e se apropriar para reprimir os atuais protestos.

As autoridades encontraram uma ferramenta jurídica conveniente criada quase um século atrás pelo governo colonial britânico. O Estatuto de Regulações Emergenciais de 1922 foi aplicado na época para permitir aos então colonizadores reprimir uma greve dos portos. Ironicamente, apesar do uso de uma lei draconiana, a greve foi resolvida com os trabalhadores conquistando a melhor remuneração que queriam.

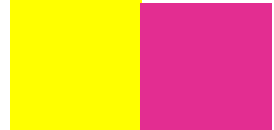
Ao ressuscitar as regulações emergenciais, o governo pretendia suprimir o atual levante. Especificamente ao invocar a lei de 1922, Carrie Lam, a inepta Chefe do Executivo de Hong Kong, declarou que o uso de máscaras ou de qualquer coisa tapando o rosto por

participantes de manifestações, autorizadas ou não, seriam banidas. A proibição seria efetivada a partir da meia noite da data em questão, mas só pôs mais lenha na fogueira. Desafiantes, os protestantes se reuniram massivamente usando máscaras, abertamente zombando da ordem do Estado. Dias após a proibição entrar em vigor, no domingo de 6 de Outubro de 2019, dezenas de milhares de honcongueses marcharam pacificamente na ilha, mesmo com a chuva pesada. Mas, como se tornou a norma, alguns dentre os mais radicais da vanguarda (vanguardistas são chamados de “Os Bravos” pelos apoiadores), decidiram incendiar estações de metrô e similares próximos ao fim da marcha de duas horas, levando a uma repressão ainda mais severa por parte da polícia, que não se restringe ao disparar gás lacrimogêneo e balas de borracha nos manifestantes. Hoje em dia, a polícia chegou a atirar armamento letal, com uma das balas perfurando o peito de um estudante da secundária, a três centímetros de seu coração.

Não só slogans políticos foram subvertidos. Frases mercadológicas também foram ressignificadas. Por exemplo, a empresa americana Pizza Hut atiçou a ira dos protestantes depois da filha do fundador da *Maxim*, licenciada local da cadeia de restaurantes, testemunhar contra eles no Conselho da ONU de Direitos Humanos em Geneva, os chamando de “desordeiros”. Protestantes vandalizaram a Pizza Hut, assim como Starbucks, entre outros estabelecimentos e bancos percebidos como pró-Beijing ou ligados com a China. Então, Pizza Hut, cujo slogan publicitário é “Pizza é arte” teve suas lanchonetes arrasadas e palavras de ordem pejorativas foram pichadas nas paredes. Como *Maxim* filial de Hong Kong usava como lema “Coração Belo” em cantonês, ele foi substituído por “Coração Negro”, na grafia tradicional chinesa, pintada com spray em suas cantinas. Arte de pizza é na verdade arte de protesto!

A revisão do passado não é só do domínio de protestantes ou do governo combatido. A facção azul, que apoia a polícia contra os manifestantes, também resgatou posteres políticos do caminho turbulento que estabeleceu a China como um estado autoritário.

O mais chamativo é um poster da Revolução Cultural, publicado pela última vez em Maio de 2016 no *The Guardian*, celebrando o Exército de Libertação do Povo



valentemente avançando, com um soldado segurando as *Citações do Presidente Mao Tsé-Tung*, o “Pequeno Livro Vermelho”. Três rostos foram substituídos por protestantes de Hong Kong, um segurando Apple Daily, a Bíblia dos manifestantes ou seu acesso a notícias confiáveis. Ele usa um capacete amarelo, óculos pretos e máscara de gás enquanto permanece no seu uniforme verde. Dois outros estão com roupas similares, apesar de um deles vestir azul.

Com persistência e tenacidade, o movimento já superou os 79 dias de ocupação do Movimento Guarda-Chuva de 2014. Autoridades locais só concederam uma de suas demandas: a remoção de uma lei de extradição que propeliu os protestos em Junho de 2019. Segundo críticos, a concessão foi “pouco demais e tarde demais”. Entre as reivindicações que restam, a mais significativa é estabelecer uma comissão para investigar abuso policial.

Aqui o passado fracassa em ser prólogo. As autoridades coloniais rotineiramente estabeleciam, ao despertar do que eles chamavam de “distúrbios urbanos”, comissões de averiguação sobre o porquê de tais distúrbios acontecerem. Eu ainda me lembro participar de uma dessas audiências como um estudante da secundária e ouvir chocado a vítima de abuso policial testemunhar que ele próprio pegou uma arma do armário que os guardas pudessem usar para bater nele. Para satisfazer a força policial administrada pelos ingleses, o segredo era escolher algo que causaria lesões internas, mas não ferimentos superficiais ou visíveis. Mesmo assim, a vítima era despida de sua camisa para mostrar as cicatrizes em seu corpo.

A lição aprendida pelo regime atual em Hong Kong é aparentemente nunca permitir que tal testemunho ocorra oficialmente de novo. Um espancamento filmado em 2014 do protestante Ken Tsang (nenhuma relação com o autor) por meia dúzia de policiais levou a algumas condenações, mas também despertou uma reação imensa de outros policiais, que se reuniram aos milhares em um estádio para vociferar seu suporte a agentes violentos.

A parede azul de solidariedade e resistência pela polícia dissuadiu oficiais de aprovarem a instalação de um tribunal. Em termos grosseiros, as autoridades locais,

temerosas de alienar a polícia, já abandonaram o controle da cidade para a própria polícia, acusada por observadores de direitos humanos de rotineiramente engajar em assaltos e abusos contra os cidadãos. Uma pesquisa de campo da Anistia Internacional lançada em Setembro de 2019 documentou um “padrão alarmante” da Força Policial de Hong Kong ao utilizar “táticas indiscriminadas e irresponsáveis, incluindo encarcerar pessoas em manifestações, assim como evidência exclusiva de tortura e outros maus-tratos durante a detenção”.

Sem dúvida, o que ainda salvará Hong Kong só pode ser um compromisso reforçado com o Estado de Direito. Do contrário não haveria nenhuma esperança para os milhares já presos, muitos menores de idade, entre eles uma criança de 12 anos, acusados de crimes variando entre assembleia ilegal, usar máscaras e amotinação.

Enquanto isso, a batalha para formar cidadãos de Hong Kong naqueles que amam tanto a cidade quanto o país já fracassou. Pesquisas do Programa de Opinião Pública (na qual sou associado em capacidade honorária) recentemente amostradas desde a Universidade de Hong Kong mostraram uma deterioração constante da porcentagem da população optando pela identidade chinesa. A maioria dos residentes se identifica mais como chineses, se assemelhando aos resultados de pesquisas feitas em Taiwan.

Com o Sonho Chinês se tornando um pesadelo para maioria dos honcongueses, é provável que os protestos continuarão. Um acadêmico ocidental que consultei sugeriu que a única forma deles prevalecerem é através do colapso do regime de Xi Jinping na China. Se estiver correto, a solidariedade internacional com os manifestantes continua essencial como uma mudança no governo da China continental não ocorrerá em um futuro imediato. Mudança social e política não acontecem de um dia ao outro, mas leva décadas.